

A Pedagogia Engajada e a Comunidade de Aprendizagem: contribuições de bell hooks à teoria educacional

Engaged pedagogy and the learning community: bell hooks contributions to educational theory

Gabriela da Nóbrega Carreiro
Tânia Rodrigues Palhano
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa/PB-Brasil

Resumo

Este ensaio tem como objetivo situar a importante contribuição de bell hooks para o campo educacional, enfatizando a elaboração de sua teoria pedagógica como perspectiva para pensarmos Pressupostos didáticos que fundamentam as experiências de ensinar-aprender. Pretende-se destacar a elaboração teórica de hooks tomando como ponto de partida a Pedagogia Engajada enquanto concepção educacional e a Comunidade de Aprendizagem como possibilidade didática de almejarmos horizontes de aprendizagens significativas e acolhedoras. Discute-se a educação desde uma perspectiva crítica, descolonizadora e interseccional, pontuando elementos didáticos que possibilitam transformar a sala de aula num espaço em que transitem experiências, memórias, subjetividades e currículos que rompam com a lógica da educação bancária e colonialista.

Palavras-chave: bell hooks; Pedagogia Engajada; Comunidade de Aprendizagem.

Abstract

This essay aims to situate the important contribution of bell hooks to the educational field, emphasizing the elaboration of his pedagogical theory as a perspective for thinking about didactic precepts that underlie teaching-learning experiences. It is intended to highlight the theoretical elaboration of hooks taking as a starting point Engaged Pedagogy as an educational conception and the Learning Community as a didactic possibility to aim for horizons of reflective and welcoming learning. Education is discussed from a critical, decolonizing and intersectional perspective, pointing out didactic elements that make it possible to transform the classroom into a space in which experiences, memories, subjectivities and curricula that play with the logic of banking and colonialist education pass through.

Key word: bell hooks; Engaged Pedagogy; Learning Community.

1.Introdução

Ao compreender que a libertação é um processo contínuo, devemos buscar todas as oportunidades para descolonizar nossa mente e a mente de nossos estudantes. Apesar de graves retrocessos, houve e continuará havendo mudanças construtivas radicais na maneira como ensinamos e aprendemos, uma vez que mentes “em busca de liberdade” ensinam a transgredir e a transformar

(bell hooks, 2020, p.59).

Em todas as áreas de conhecimento podemos perceber que sempre haverá autoras/es, bem como temáticas, que ocuparão o lugar de referência canônica para tal área. Em certa medida, isso ocorre devido a maneira como os conhecimentos são difundidos nos espaços acadêmicos, o que se desvelam nos currículos, ementas e componentes que comportam cada curso e suas áreas específicas. Compreendemos que parte do que é definido por currículos de formação é constituído pelos departamentos, coordenações e docentes, e isso implica em escolhas e decisões sobre quais conteúdos ocuparão maior destaque na formação.

A manutenção de referências canônicas no currículo cumpre a importância de fundamentar, de legitimar os conhecimentos desenvolvidos por cada área, ao tempo em que também contribui para a construção histórica de cada área em questão, mas ressalto a importância de atentarmos para a vivacidade e mobilidade que compõe os currículos, também compreendidos enquanto elementos educacionais que desvelam os reflexos dos movimentos que nos constitui enquanto sociedades. No Brasil, especialmente no ensino superior, tensionamentos em torno dos currículos de formação vem indagando e propondo o alargamento epistêmico das perspectivas de produção de conhecimento afirmadas até então como legítimas e universais. Esses movimentos provocam reflexões sobre o que é considerado conhecimento canônico e quais conhecimentos estão à margem dessa legitimidade curricular.

Ao propor um diálogo profícuo em torno da vasta obra de bell hooks, tendo como foco sua teoria educacional, pensada nas interlocuções de suas experiências como docente na formação de professores, tensionamos o alargamento do cânone pedagógico, reconhecendo a necessidade de inserirmos nas nossas teorias educacionais os tensionamentos e enfrentamentos à currículos e práticas colonialistas. Descolonizar a educação impõe um movimento de reconhecimento das estruturas de desigualdades que sustentam nosso

modelo educacional, tanto no âmbito epistêmico (quando compreendemos que alguns conhecimentos são válidos e outros não tanto), ou quando desconsideramos as subjetividades e identidades que integram nossas/os estudantes e docentes nas suas experiências educativas.

A Didática, componente comum e necessário à todas as licenciaturas é, para as Ciências da Educação, a área que tem como principal elemento mobilizador e formativo, as implicações pedagógicas que compõem e estruturam os processos de ensino-aprendizagem. É ela quem abre a cortina da sala de aula e nos desloca para um outro lugar, o lugar vislumbrado pelo exercício profissional da/o futura/o professora/or. Desse modo, a Didática fundamentada e experienciada desde uma perspectiva hooksiana será apresentada neste artigo como possibilidade de atentarmos para caminhos pedagógicos que estejam comprometidos com potencialidades transformadoras da educação, e isso implica no compromisso ético e pedagógico de formar professoras/es desde uma concepção de educação descolonizadora, antirracista, antissexista, anticlassista e anticapacitista.

2. Metodologia

Nossa análise sobre a obra educacional de bell hooks teve como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica (GIL, 2002), tanto nas obras da autora como em livros e artigo das/os interlocutoras/es. A pesquisa, de caráter qualitativo teve como objetivo destacar a elaboração teórica de hooks, tomando como ponto de partida o conceito de Pedagogia Engajada como concepção pedagógica e o conceito de Comunidade de Aprendizagem como estratégia didática nas salas de aula. Destacamos que ambos conceitos são elaborados no campo das experiências docentes de bell hooks, durante anos de dedicação às salas de aula em universidades e escolas dos Estados Unidos.

3. bell hooks e Paulo Freire: caminhos para a educação crítica e libertadora

Imagino que, assim como foi motivo de curiosidade para nós que aqui escrevemos esse ensaio, muitas outras pessoas podem também desconfiarem da escrita do nome de *bell hooks* no título de artigos, livros, sem a presença da norma gramatical das letras maiúsculas. É certo que não é evidente a justificativa dessa formatação de escrita e vale observarmos o que a autora queria nos dizer nas entre-letas de sua assinatura. Como uma professora e escritora acadêmica, hooks, provoca este âmbito desde a simples assinatura de seu codinome, visto

que este não era o seu nome de nascimento. A escolha provocativa do uso do codinome *bell hooks* é uma maneira de demarcar e homenagear sua ancestralidade feminina, sua bisavó materna. Essa será sua postura diante da academia, diante do mundo das relações, diante de suas/eus estudantes, diante de suas obras: uma professora e escritora negra, feminista, que compreende a educação como âmbito das práticas de transgressão, das sensibilidades, das liberdades.

O diminutivo em seu nome comporta também o propósito político de conduzir o destaque para as discussões e problemáticas que a autora abordava numa perspectiva coletiva, e não para si mesma, como mérito e análises somente suas. Ainda com o nome de Gloria Jean Watkins nascida em Hopkinsville, 25 de setembro de 1952, *bell hooks* experienciou a educação segregada e, como ela mesma afirma, “foi nas escolas de ensino fundamental frequentadas somente por negros, que eu tive a experiência do aprendizado como revolução” (HOOKS, 2017, p.11).

A autora narra na introdução da obra “Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade” (2017) sua vivência com suas professoras, mulheres negras, nas escolas segregadas nos Estados Unidos, narrando também a experiência da transição para escolas dessegregadas, desvelando assim as dores do racismo como experiência constante nesse último âmbito escolar. A vida universitária de *hooks* não destoou das vivências da escola dessegregada, ali ela pôde observar a falta de empatia, de desmotivação e desinteresse de suas/eus professoras/es em suas práticas docentes. É na pós-graduação que *hooks* acessará pela primeira vez os textos de Paulo Freire e com essa descoberta a autora compreende, desde a pedagogia crítica, seu próprio caminho teórico e político na educação.

A contribuição de Freire para o pensamento de *hooks* é imprescindível, de tal modo que a autora o definirá como mentor e guia para sua trajetória, que se desdobra na autocompreensão de mulher negra e periférica adentrando em universidades dos Estados Unidos, inicialmente como estudante e posteriormente como professora formadora e escritora. Destaco o trecho presente na obra “Ensinando a transgredir”:

Quando encontrei a obra de Freire, bem num momento de minha vida em que estava começando a questionar profundamente a política da dominação, o impacto do racismo, do sexismo, da exploração de classe e da colonização que ocorre dentro dos próprios Estados Unidos, me senti fortemente identificada com os camponeses marginalizados de que ele fala e com meus irmão e irmãs negros, meus camaradas de Guiné-Bissau. Veja você, eu chegava à universidade com as experiências de uma

negra da zona rural do Sul dos Estados Unidos. Tinha vivido a luta pela dessegregação racial e estava na resistência sem ter uma linguagem política para formular esse processo. Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade de resistência (HOOKS, 2017, p. 66).

É nesse caminho (auto) formativo que hooks acessará Paulo Freire como interlocutor de suas experiências, como mulher negra no mundo, mas também como professora que buscou provocar nas suas salas de aula a potencialidade das experiências de uma educação humanizada, na qual discentes e docentes “encaram uns aos outros como seres humanos ‘íntegrais’, buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (HOOKS, 2017, p.36).

No prefácio à edição brasileira de “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática”, Sérgio Haddad (2020, p.14) afirma que o que levou hooks a construir uma trajetória intelectual em diálogo com Freire foram as concepções que este difundiu sobre a educação vivida desde uma perspectiva humanizadora, social e, conseqüentemente, transformadora, enfatizando que os seres humanos sejam autoras/es de suas histórias e da história da humanidade, agindo conscientemente. A ação consciente resulta do entendimento de que é na vida experienciada por cada uma/um, no contexto e realidade onde as/os sujeitas/os estão inseridas/os, que o conhecimento se produz como ponto de partida e de chegada, de modo que o processo educativo seja caminho para compreensão e superação das desigualdades.

No livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade” (2017), obra que inaugura a elaboração do pensamento pedagógico de hooks aqui no Brasil, a autora dedica um capítulo ao seu mentor, intitulado “Paulo Freire”. Trata-se de uma auto-conversa ou mesmo auto-entrevista que hooks propõe a si mesma: Gloria Watkins, nome de nascença da autora e bell hooks, seu pseudônimo e modo escolhido para assinar todas as suas obras. Nesse diálogo consigo mesma – prática incomum na cultura academicista - Gloria traçará perguntas nas quais hooks transcorrerá falando sobre sua relação com o pensamento e obra de Freire.

Ao tratar da contribuição que Freire traz para o desenvolvimento de sua teoria feminista e também pedagógica¹, hooks afirma que diferentemente de como argumentavam algumas teóricas feministas contemporâneas, a pedagogia freiriana ampliou suas perspectivas de compreensão do mundo e das relações, possibilitando o “reconhecimento

da subjetividade dos menos privilegiados, dos que tem de carregar a maior parte do peso das forças opressoras” (HOOKS, 2017, p.75).

bell hooks encorpora categorias freirianas em suas obras e, com destaque para a trilogia sobre a educaçãoⁱⁱ, a autora recorre continuamente à Freire para fomentar o diálogo em torno da concepção de educação, a qual está inteiramente comprometida, e que se constitui imbuída do compromisso ético, profissional e sensível em transformar criticamente a experiência mútua de ensinar e aprender. Esse artigo surge da intenção prática e teórica de explicitar, com base na teoria educacional de hooks, possibilidades da contribuição dessa autora às vivências didáticas, tendo como ponto referencial a sua concepção de Pedagogia Engajada e Comunidade de Aprendizagem enquanto caminhos didáticos para as experiências de ensinar-aprender no ensino superior.

4. Pedagogia Engajada: construindo a Comunidade de Aprendizagem

Na esteira do pensamento freiriano, bell hooks apresenta uma perspectiva de educação que tem a liberdade como princípio imprescindível. Essa liberdade é pavimentada no caminho de uma educação vivenciada pela troca de conhecimentos, experiências e sentimentos entre quem ensina e quem aprende. Não há em hooks uma definição hierarquizada ou dissociada entre as/os sujeitos da experiência pedagógica (estudantes e professoras/es), ao contrário, a sala de aula é um local de aprendizado mútuo e (auto)formativo, de modo que a/o docente é também “fortalecido e capacitado por esse processo” (HOOKS, 2017, p.35).

Entoando com a proposta da Pedagogia Engajada, hooks apresenta uma perspectiva educacional que demarca a formação progressista e holística, sendo por isso - como afirma a autora - mais exigente que pedagogia crítica e a pedagogia feminista convencional (HOOKS, 2017). Partindo da concepção freiriana de autonomia e autorrealização no processo educativo, hooks (2017, p.35) afirma que a Pedagogia Engajada não busca somente capacitar e formar estudantes, mas também as/os docentes de modo que “toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor”, que ao se apresentar enquanto “gente”, possibilita a desinibição que perpassa as relações enrijecidas de poder, ampliando e humanizando as experiências, as trocas e consequentemente os processos de ensino-aprendizagem.

Na obra “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática”, bell hooks afirma que:

a pedagogia engajada é essencial a qualquer forma de repensar a educação, porque traz a promessa de participação total dos estudantes. A pedagogia engajada estabelece um relacionamento mútuo entre professores e estudantes que alimentam o crescimento de ambas as partes, criando uma atmosfera de confiança e compromisso que sempre está presente quando o aprendizado genuíno acontece. Ao expandir o coração e a mente, a pedagogia engajada nos torna aprendizes melhores, porque nos pede que acolhamos e exploremos juntos a prática do saber, que enxerguemos a inteligência como um recurso que pode fortalecer nosso bem comum (HOOKS, 2020, p.51).

O engajamento que a abordagem pedagógica de hooks apresenta é a representação do comprometimento coletivo que a sala de aula necessita para ser efetivamente um espaço de circulação de saberes. A relação professora/o-estudante é mediada pelo acordo pedagógico de participação e contribuição mútua no fazer/acontecer da sala de aula, onde sentimentos como medo, vergonha, devem ser acolhidos e compreendidos enquanto elementos que perpassam tanto a experiência de quem aprende como também de quem ensina. hooks afirma que a Pedagogia Engajada requer participação recíproca, e esta só se faz possível no fluxo das trocas de ideias, no relacionar-se, no afetar-se pela experiência da/o outra/o na sua inteireza de tal maneira que “estar inteiro é bem-vindo” (HOOKS, 2020, p.49).

A sala de aula, para bell hooks, é um espaço no qual precisamos, professoras/es e estudantes, estarmos inteiras/os e radicalmente abertas/os para o que ali transita. Como dois elementos essenciais para a Pedagogia Engajada, a inteireza - que se constitui como integridade - e a abertura radical são premissas para o pensamento crítico, para o aprendizado genuíno e conseqüentemente a autorrealização.

hooks nos apresenta uma concepção da experiência didática enfatizando veementemente que, para a Pedagogia Engajada, “todo estudante tem uma contribuição valiosa para o processo de aprendizagem” (HOOKS, 2020, p.50), seja individual ou coletiva, a presença corpórea de cada uma e cada um e suas singularidades, também se constitui como elemento pedagógico.

A autora afirma que a Pedagogia Engajada é uma estratégia de ensino com propósito de potencializar o pensamento crítico das/os estudantes com vistas para a autorrealização. Pensar, para bell hooks, é agir, é integrar, simbioticamente, ação e pensamento crítico. Como elemento fundamental para a experiência de ensino-aprendizagem voltadas para uma concepção de educação como prática da liberdade, o pensamento crítico é um processo interativo no qual docentes e discentes vivenciam mutuamente a experiência da abertura radical, retomando questionamentos elementares e descobrindo respostas que ampliam as

perspectivas, ao tempo em que redefinem a importância do que se ensina e do que se aprende. Essa experiência com o pensamento crítico só se faz possível no ambiente onde o engajamento coletivo funda, efetivamente, uma Comunidade de Aprendizagem.

No cerne da teoria educacional de bell hooks, a Pedagogia Engajada, mediada pelo exercício do pensamento crítico, culmina na experiência cooperativa da Comunidade de Aprendizagem. É no entendimento da sala de aula enquanto espaço de socialização de conhecimento, de mediação pedagógica e trocas afetivas, que hooks afirma um elo pedagógico de comunidade.

5. A Comunidade de Aprendizagem na formação de professoras/es

Ao situarmos a formação de professoras/es nas licenciaturas das universidades públicas brasileiras como espaços de construção de conhecimentos teóricos e práticos, não estamos demarcando um território universal, neutro e tampouco homogêneo. É nesse entendimento que bell hooks potencializa nossa análise: as universidades são espaços sociais de encontros e tensionamentos, onde as relações de poder que ali se inter cruzam estão diretamente ligadas às relações de imposições demarcadas na nossa sociedade e que, especificamente no Brasil, podem ser definidas pelas hierarquizações coloniais de raça, gênero e classe. Nas salas de aulas brasileiras esses marcadores atravessam as experiências didáticas de estudantes e docentes, mas nem sempre são elementos constitutivos das práticas pedagógicas, da reflexão pedagógica.

Esse cruzo de marcadores - raça, gênero e classe - que se fazem presentes na obra de bell hooks, reforça a importância da interseccionalidade na educação. A interseccionalidade é uma lente desveladora das relações de poder emplacadas sob os corpos não androcêntricos e brancos. Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021, p.16) afirmam que a interseccionalidade é uma ferramenta analítica que possibilita a compreensão do mundo e suas relações que “marcadas pela diversidade” podem implicar em “relações interseccionais de poder”. Sob o prisma interseccional, hooks observará e construirá sua teoria feminista e também sua teoria pedagógica.

A experiência da sala de aula como Comunidade de Aprendizagem é um convite à perspectiva didática interseccional. bell hooks nos provoca a observar e experienciar a inteireza da troca pedagógica e isso implica olhar para a sala de aula como um espaço coletivo constituído de indivíduos com realidades, vivências e contextos próprios. No convite para

“abraçar a mudança” (HOOKS, 2017) a autora afirma que o multiculturalismo é realidade pulsante nas nossas sociedades e nas salas de aula, embora estejamos ainda tateando caminhos objetivos e possíveis para transformarmos efetivamente as salas de aula em espaços de aprendizados e experiências inclusivas. Essa realidade só será possível quando, as instituições educacionais e seus sujeitos compreenderem que a Educação, as práticas pedagógicas, precisam ser repensadas, refletidas e transformadas.

Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para os professores não brancos quanto para os brancos. A maioria de nós aprendemos a ensinar imitando esse modelo. Como consequência, muitos professores se perturbam com as implicações políticas de uma educação multicultural, pois têm medo de perder o controle de uma turma caso não haja um modo único de abordar um tema, mas sim modos múltiplos e referências múltiplas. (HOOKS, 2017, p.51)

A concepção de Educação que bell hooks nos apresenta está vinculada à uma necessária mudança de paradigmas e práticas. Descolonizar a educação é necessariamente descolonizar nossas práticas pedagógicas e isso implica em reformulações radicais nos currículos, nas seleções de materiais didáticos, mas também no modo com compreendemos a Educação e os processos de ensino-aprendizagem nas suas inteirezas. Como pessoas que vivenciam esses processos, somos sujeitos de sentimentos, intensões e interesses, e isso não exclui as/os docentes. Acolher o estranhamento que surge nas/os estudantes ao propormos caminhos outros de acesso ao conhecimento é também reconhecer o nosso próprio estranhamento diante das novas abordagens. Observar nossas salas de aulas com a abertura radical do multiculturalismo, da interseccionalidade, do pensamento crítico é expor constituintes que precisam transpor à automatização da prática docente, à mecanização da educação bancária.

A premissa para transformarmos a sala de aula em uma Comunidade de Aprendizagem é a compreensão da educação como prática de liberdade, e isso implica no compromisso pedagógico e ético de repensarmos a educação assentada em práticas (e também teorias) que transgridam e combatam o racismo, a misoginia, o preconceito de classe, o capacitismo e todas as formas de opressão que se fazem presentes na nossa sociedade e consequentemente nas salas de aula. Mas como afirma hooks (2017), essas transformações não acontecem confortavelmente, ao contrário, muitas/os docentes temem essas mudanças

de abordagens pelo desconforto do debate, do conflito que podem ocorrer; por isso precisamos “instituir locais de formação onde professores tenham a oportunidade de expressar seus temores” (HOOKS, 2017, p.52) ao tempo em que aprendam caminhos para uma abordagem multicultural em sala.

bell hooks elabora, assentada em obras como a Pedagogia da Esperança, uma perspectiva pedagógica que tem como ponto de partida a Pedagogia Engajada que potencialmente se realiza enquanto campo teórico das experiências da Comunidade de Aprendizagem. Pressupostos como o pensamento crítico, a perspectiva descolonizadora e a interseccionalidade constituem o alicerce para a experiência da educação como prática de liberdade.

Como proposta pedagógica a Pedagogia Engajada tem na Comunidade de Aprendizagem sua realização didática, na qual podemos observar, nos três volumes dedicados a essa temática, que a autora apresenta rotas possíveis para trilharmos essa experiência em sala de aula. A Comunidade de Aprendizagem pressupõe o diálogo como via para o processo de ensino-aprendizagem, de modo que a voz da/o estudante constitua elemento valorativo na experiência didática. hooks afirma ainda que nesse diálogo as/os estudantes não são as/os únicas/os a relatarem, confessarem suas vivências, mas também as/os docentes, de modo que suas narrativas sejam elementos pedagógicos para desconstruírem a noção de “inquisidores oniscientes e silenciosos” (HOOKS, 2017, p.35).

Ao propor o diálogo, a narrativa confessional, a escuta como caminhos para a mediação da relação didática, hooks apresenta vias pedagógicas para fomentarmos esse sentimento de comunidade nas/os estudantes, mas reafirmando a premissa do pensamento crítico, descolonizador e interseccional, a autora nos chama atenção para questões como o silenciamento de estudantes negras/os, desvelando sintomaticamente a violência empregada pelo racismo, reverberada no espaço acadêmico que ainda evoca a neutralidade. Para a autora a “ausência do sentimento de segurança” desencadeia “o silêncio prolongado ou a falta de envolvimento dos alunos” (HOOKS, 2017, p.56). Quando hooks aponta a importância do diálogo e da voz das/os estudantes nas aulas, ela nos alerta para tais questões: “Quem fala? Quem ouve? E por quê?” (HOOKS, 2017, p.57) Assim relata a autora:

Á medida que a sala de aula se torna mais diversa, os professores têm de enfrentar o modo como a política da dominação se reproduz no contexto educacional. Os alunos brancos e homens, por exemplo, continuam sendo os que mais falam em nossas

aulas. Os alunos de cor e algumas mulheres brancas dizem ter medo de que os colegas os julguem intelectualmente inferiores. Já dei aula a brilhantes alunos de cor, alguns de idade avançada, que conseguiram, com muita habilidade, nunca abrir a boca em sala de aula. Alguns expressam o sentimento de que, se simplesmente não afirmarem sua subjetividade, terão menos probabilidade de serem agredidos (HOOKS, 2017, p.57).

Não longe disso, as salas de aulas das universidades brasileiras (e certamente também na Educação Básica) refletem esses silenciamentos como indícios das relações de poder amparadas no racismo estrutural, que insiste em definir e responder as perguntas “Quem fala? Quem ouve? E por quê?” (HOOKS, 2017, p.57), partindo da premissa colonizadora que hierarquiza povos, conhecimentos, experiências e culturas sob o parâmetro da racialização dos corpos, do epistemicídio (CARNEIRO, 2023), conforme nos apresenta o filósofo brasileiro, Sálvio de Almeida, na obra “O que é racismo estrutural?”:

A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis; ou, ainda, que indivíduos que cometam atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados. Dizer isso seria negar os aspectos social, histórico e político do racismo. O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática (ALMEIDA, 2018, p.39).

Caminhos diversos vem continuamente sendo traçados para que as universidades, as salas de aula, os cursos de formação de professoras/es não reproduzam relações desumanizadoras, hierarquizadas e racistas, mas ainda assim, hooks (2021) afirma que há uma tendência relutante entre as/os docentes em reconhecer a preponderância hegemônica da branquitudeⁱⁱⁱ sob nossas maneiras de acessar, produzir e conhecer. A urgência em construirmos novos horizontes epistêmicos e didáticos nos cursos de formação de professoras/es é um dos muitos compromissos que as universidades precisam assumir frente aos descaminhos ainda emplacados pelo racismo institucional, estrutural.

Se as universidades compreendessem sua função pedagógica enquanto espaço educacional, de formação, produção e socialização de conhecimentos, certamente a expansão da Comunidade de Aprendizagem a nível institucional, e não somente na sala de aula, seria um horizonte transformador para aquelas/es que ainda vivenciam as dores de ter

que ensinar e aprender em instituições onde ainda há legitimação da neutralidade, da hierarquia, do silenciamento, da imposição de poder, do assédio.

Mas como nos esperançou bell hooks (2017, p. 273) no último parágrafo do livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”: já sabemos que as universidades não são paraísos, mas cabe ressaltarmos que na sala de aula “o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado” com vistas à uma educação que conversa, que é troca e que transita na sala para o mundo e no mundo para a sala, continuamente.

6.Considerações finais

É evidente que as contribuições de bell hooks no campo educacional ainda não tenham alcançado o destaque que merecem, muito do que tem se destacado nas pesquisas com enfoque no pensamento da autora caminham mais em torno da perspectiva dos estudos feministas, com ênfase na abordagem do feminismo negro e na interseccionalidade. Parte desse enfoque dar-se aqui no Brasil pelo caminho editorial de tradução e acesso às obras da autora. A primeira obra, mais amplamente divulgada no campo dos movimentos de mulheres, em especial das mulheres negras, como também na academia – resultado do empenho e dedicação de pesquisadoras/es negras/os – foi o “Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, publicado aqui em 2018.

A chegada da tradução de bell hooks pela via dos estudos feministas demarca seu caminho e apresenta a autora desde esse campo epistêmico. A Pedagogia Engajada, estruturada nas três obras que tem a educação como via de experiência e teorização - “Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade” (EUA: 1994; Brasil: 2013); “Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança” (EUA: 2003; Brasil: 2021); “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (EUA: 2010; Brasil: 2020) – ainda não tem ocupado lugar de maior destaque nos estudos do campo pedagógico.

Compreendemos que há em bell hooks uma estruturação de teoria pedagógica que se apresenta de forma mais enfatizada na trilogia sobre a educação. A autora inaugura com a abordagem da Pedagogia Engajada o caminho para a experiência de mediação pedagógica e construção da Comunidade de Aprendizagem, guiada pelo pensamento crítico. hooks apresenta e teoriza, através das experiências que percorre durante seus anos de docente, pressupostos necessários para que a sala de aula seja um espaço de acolhimento (discente e docente) onde perspectivas descolonizadoras, interseccionais, inclusivas sejam fundamentos

éticos e pedagógicos para todas as pessoas que vivem a experiência de ensinar-aprender.

Como afirmava ela:

Ao compreender que a libertação é um processo contínuo, devemos buscar todas as oportunidades para descolonizar nossa mente e a mente de nossos estudantes. Apesar de graves retrocessos, houve e continuará havendo mudanças construtivas radicais na maneira como ensinamos e aprendemos, uma vez que mentes 'em busca de liberdade' ensinam a transgredir e transformar (HOOKS, 2020, p.59).

Enquanto inspirações e desdobramentos da Pedagogia de Paulo Freire, a Pedagogia Engajada de bell hooks aponta horizontes de experiências didáticas que transformam realidades. Talvez tenha sido esse o maior aprendizado que bell hooks teve ao ler, encontrar e pensar com Paulo Freire: esperar por uma educação que é caminho percorrido coletivamente e com vistas para a transformação, para autorrealização e para a liberdade.

Referências

ALMEIDA, Sílvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo-SP: Companhia das letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Editora Zahah, 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade:** uma pedagogia da esperança. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

Notas

ⁱ Destaco aqui que há em bell hooks uma teoria feminista, pela qual é largamente reconhecida, que não se desvincula da teoria pedagógica presente nas obras da autora, seja na trilogia que tem como eixo central a educação (Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade; Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança; Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática) como

também nos escritos onde não predomina a centralidade na educação, ou a formação de professores, todas são obras que apresentam encadeamentos da perspectiva pedagógica com a teoria feminista da autora.

ⁱⁱ A três obras são: “Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade” (EUA:1994; Brasil:2013); “Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança” (EUA:2003; Brasil: 2021); “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (EUA:2010; Brasil:2020).

ⁱⁱⁱ Destaco que bell hooks não utiliza do termo branquitude, embora compreenda que esta seja uma categoria importante e que dialoga com a teoria da autora. O termo branquitude é apresentado aqui no Brasil pela autora Cida Bento (2022) na obra “O pacto da branquitude” e consiste na preservação dos privilégios que a raça branca (que não se reconhece como raça, mas como ser universal) mantém, sobre os moldes de pactos, as garantias de sua supremacia em todas as instâncias da vida social, política, jurídica e afetiva.

Sobre as autoras

Gabriela da Nóbrega Carreiro

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB (PPGE-UFPB) com mestrado em educação e licenciatura e bacharelado em Filosofia pela mesma instituição. É professora substituta no Departamento de Metodologias da Educação do Centro de Educação da UFPB, lecionando na área de Didática e na área de Ensino de Filosofia. E-mail: gncarreiro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5559-9901>

Tânia Rodrigues Palhano

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de processos de ensino e aprendizagem e do Departamento de Fundamentação em Educação na área de filosofia da educação da Universidade Federal da Paraíba, líder do grupo ÁGORA de estudos e pesquisa em filosofia e psicologia da educação. E-mail: taniarpalhano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3573-6889>.

Recebido em: 01/03/2023

Aceito para publicação em: 04/04/2023